

VISUALIDADES PRÉ E PÓS-COQUETEL: IMAGENS DO HIV/AIDS E O SANGUE NA ARTE CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

FRANCINE BECKER DA COSTA¹; RICARDO HENRIQUE AYRES ALVES²

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – francinebcosta2002@gmail.com 1

²Universidade Federal de Pelotas – ricardohaa@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa investiga obras visuais relacionadas ao HIV/aids que utilizam o sangue como material, sendo desenvolvida junto ao projeto Histórias da arte e histórias da aids desde o Brasil: discursos sobre o corpo e a enfermidade desde a arte contemporânea e contando com financiamento de bolsa CNPq de iniciação científica (2023/24). A problemática da pesquisa surge da necessidade de pôr em pauta as chamadas narrativas pré e pós-coquetel (SOUSA, 2017), uma vez que, a partir do desenvolvimento de medicamentos bem sucedidos, os discursos a respeito da doença se modificaram: se antes a aids era um sinônimo de morte, a partir da segunda metade da década de 1990, com seu processo de cronificação, passa-se a falar de viver com aids, o que se reflete na produção artística, que frequentemente utilizou o sangue como símbolo e material para a elaboração de obras de arte.

Diante destas questões, são necessárias leituras que possibilitem a compreensão acerca do HIV/aids no contexto social, como: Susan Sontag (2007) que discute a dificuldade de busca de tratamentos paliativos graças aos estigmas vinculados a doença, frequentemente associados ao castigo divino, visto que, a doença fora identificada no ano de 1981 em homens homossexuais; Néstor Perlongher (1987), que relata o início da epidemia no Brasil, buscando romper com crenças infundadas sobre o vírus e a enfermidade; e Douglas Crimp (2017), que reconhece na luta contra a aids o engajamento da arte na vida social a partir de uma prática estética e ativista.

Além disso, para o entendimento das questões vinculadas ao sangue e a hemoterapia, foram consultados: Luiz Santos, Cláudia Moraes e Vera Coelho (1992; 1991), cujas pesquisas se debruçam sobre políticas públicas entorno do líquido ao longo do século XX no Brasil; e Michel Pastoureau (2017), historiador da cor que analisa a simbologia do sangue a partir do vermelho. Diante das obras analisadas, foram também realizadas leituras específicas a respeito de artistas estudados nessa pesquisa. Dentre elas está o livro de Claudia Wonder (2008), que possui uma entrevista na qual a artista comenta sua performance realizada em 1985, e o livro de Lisette Lagnado (1998), que investiga com minúcia o trabalho de Leonilson.

2. METODOLOGIA

Com o fim de constituir o corpo de análise de obras para o presente estudo, foram identificados trabalhos de arte por meio de pesquisa bibliográfica sobre o HIV/aids e a arte no Brasil nos seguintes autores: Rosângela Medeiros e Anselmo Alós (2021); Ricardo Alves (2020); e Paulo Reis (2016). A partir de tal levantamento, procedeu-se à análise dos trabalhos: *O vômito do mito* (1985), de Claudia Wonder e Jardim das Delícias; *O perigoso* (1992), de Leonilson; *Vou sentir saudade deles 1 e 2* (1993) e *AIDS* (1993), de Edilson Viriato; *Ágora* (2016),

De mim para você e vice-versa (2016), *O dia* (2016) e *Tudo está bem* (2016), de Israel Macedo.

Para o estudo das obras, foi seguido o modelo proposto por Artur Freitas (2004), que compreende três instâncias de análise: a leitura formal, necessária para a compreensão da especificidade da apresentação do sangue no conjunto de trabalhos elencados; a leitura dos valores semânticos, buscando compreender os significados de tal presença; e, por último, a dimensão social, que as inscreve no contexto em que são produzidas e circulam. A partir dessa análise tríplice, realizada de forma integrada e complementar, é possível esmiuçar os discursos das obras de arte estudadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi constatado que, desde o início da epidemia do HIV/aids, a utilização do sangue como material artístico é frequente. Destaca-se que em períodos anteriores, o sangue era associado frequentemente a ideia de vida, e seu derramamento incitava a morte (PASTOUREAU, 2017), e é a partir da década de 1980 que o conteúdo passa a ser associado fortemente a uma doença em específico. Com o início da epidemia, surgiram casos de aids transfusionais, o que contribuiu para problematizar ainda mais o controle do sangue doado no país, fato que já vinha sendo debatido desde antes do ano de 1980, quando foi lançado o Pró-Sangue, programa que previa a estatização da atividade hemoterápica no Brasil (SANTOS, MORAES e COELHO, 1992). De tal maneira, compreende-se que a aids alavancou ainda mais o processo de monitoramento do sangue doado, possibilitando significativo avanço nesse setor no Brasil, uma vez que, a partir de 1987 a testagem para o vírus torna-se obrigatória (FERREIRA JR. e DA MOTTA, 2015). Assim, a utilização de tal substância acompanha a historicidade do vírus diante das mudanças epidemiológicas da aids.

Nesse sentido, a performance *O vômito do mito* (1985), de Claudia Wonder junto à banda Jardim das Delícias difere das demais por conta da abundância do material, bem como, por ser o único trabalho que utiliza sangue cenográfico ao invés do real. Em tal ato, performado na casa noturna Madame Satã, em São Paulo, Wonder usava uma máscara enquanto estava nua dentro de uma banheira coberta pelo líquido vermelho que jogava no público. No documentário sobre sua vida (MEU..., 2012), Wonder comenta que sua obra surge em oposição aos pensamentos estereotipados sobre as travestis, em específico a performance de dublagem e de seu glamour, o que a faz ir em direção ao grotesco.

Por seu turno, a obra *O perigoso* (1992), de Leonilson, consiste em uma folha com apenas uma gota de sangue e, abaixo dela, está seu título em letra de forma. A visão que Leonilson tem diante do próprio corpo reforça a noção de estigma descrita por Sontag (2007), uma vez que este associa seu sangue com uma arma que o torna perigoso. Tal gota de sangue, é ressignificada anos depois no projeto *Eu sou positivo* (2015), em campanha organizada pelo Grupo de Incentivo à Vida (GIV), junto à agência Ogilvy Brasil, onde são utilizadas gotas de sangue de pessoas que vivem com o HIV junto a informações sobre a doença. Em ambos os exemplos se destaca o fato de que o vírus sobrevive por pouco tempo em contato com o ar, atestando que ambos são inócuos.

Já Edilson Viriato produziu três obras que enlaçam seus elementos por meio de tubos sujos de sangue: *Vou sentir saudade deles... 1 e 2* (1993) e *AIDS* (1993). As duas primeiras obras compartilham do mesmo título, bem como, da temática iconográfica cristã. Nestas duas há referência ao Sagrado Coração de

Cristo e, a partir de tal apropriação, Viriato parece lamentar a vida de um conjunto de pessoas. Já no trabalho *AIDS* o artista se apropria de objetos que remetem à infância, pelúcias e bonecas cujos olhos são cobertos por vendas, uma possível metáfora para as poucas informações sobre a doença na época.

Por sua vez, Israel Macedo propõe-se a utilizar o sangue em uma perspectiva pós-coquetel em quatro obras produzidas no mesmo ano. Nas obras *Ágora* (2016) e *De mim para você e vice-versa* (2016), o artista se vale de lamínulas de esfregaço sanguíneo cobertas com sangue de pessoas sorodiscordantes. Na primeira, o artista se apropria da antiga ágora grega, praça reservada às questões públicas e, com essa multidão de lamínulas, caracteriza pessoas que vivem com HIV como membros da sociedade. Enquanto na segunda, Macedo apresenta apenas uma dupla de lamínulas cobertas com o sangue de um casal sorodiscordante. Tais placas se equilibram uma na outra, recostando-se sobre um espelho que parece simular um palco para os amantes.

Macedo também publicou um livro de artista intitulado *O dia* (2016), feito com pigmento e sangue sobre papel, aborda o relato de pessoas no dia que receberam o resultado de seu exame sorológico. Em tal obra, o artista destaca a individualidade das experiências das pessoas que vivem com o HIV, pois o dia do resultado do exame de sorologia segue sendo para muitos o primeiro contato com a nova realidade do vírus, possibilitando o acesso a informações atualizadas distantes dos preconceitos já estabelecidos. Assim como em seu livro, a obra *Tudo está bem* (2016) também é produzida a partir de sangue e pigmento sobre papel, que nesse caso é translúcido. O trabalho é composto por nove folhas parcialmente fixadas sobre a parede que apresentam a reprodução do título em sua superfície. Graças a transparência do material, é possível ler o título levemente enevoado em tons vermelhos, sugerindo a imagem de uma paisagem a partir dos papéis manchados. Sob a linha do horizonte, em meio aos avanços diante da enfermidade, tudo está bem.

Destarte, a análise conjunta de tais trabalhos atesta a utilização do sangue desde os primeiros casos diagnosticados, evidenciando a forte ligação do material com a enfermidade. Diante disso, destaca-se que as obras produzidas no período pré-coquetel, a ver, *O vômito do mito* (1985), de Wonder e Jardim das Delícias; *O perigoso* (1992), de Leonilson; *Vou sentir saudade deles 1 e 2* (1993) e *AIDS* (1993), de Viriato, evidenciam o caráter pesaroso do HIV/aids, nas quais os estigmas associados a enfermidade e os casos de aids transfusionais assolaram o meio social. Em contrapartida, no período pós-coquetel, há a produção de Macedo que, por meio do sangue, indica a possibilidade de vida plena com o vírus HIV, além da apropriação do caráter indicial do sangue presente na obra de Leonilson ressignificado pelo cartaz do projeto *Eu sou positivo* (2015).

4. CONCLUSÕES

A partir dessa pesquisa, é possível afirmar que, nas obras produzidas durante o período pré-coquetel, isto é, até a primeira metade da década de 1990, o discurso em torno do sangue evidencia os perigos da infecção e o esquivamento dos enfermos na sociedade, uma vez que esta é a época de maior impacto do HIV/aids e a morte em decorrência do vírus acontecia abruptamente após um período marcado por um longo sofrimento. Em contrapartida, nas obras de Israel Macedo, realizadas no período pós-coquetel, nos deparamos com uma visão de interação do vírus e do sangue com a sociedade, o que ocorre também no cartaz publicitário que atualiza a proposta de Leonilson. Ou seja, o HIV/aids

deixa de ser uma ameaça letal e passa ser visto como condição crônica, possibilitando a convivência e o distanciamento dos estigmas da época pré-coquetel. O encontro do sangue sorodiscordante, assim como a publicação e a peça gráfica são obras que buscam aproximar o público do material, diminuindo as distâncias construídas pelo preconceito.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, R. H. A. **Artes Visuais e aids no Brasil: histórias, discursos e invisibilidades**. 2020. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 446. 2020.

CRIMP, D. Aids: análise cultural, ativismo cultural. *In*: PEDROSA, Adriano; MESQUITA, André (org.). **Histórias da sexualidade: antologia**. São Paulo: MASP, 2017.

FERREIRA JR., O. C.; DA MOTTA, L. R. Três décadas de diagnóstico de HIV: a experiência brasileira. *In*: MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Histórias de luta contra a AIDS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015, p. 258-275. Disponível em: <https://www.ucs.br/ips2/wp-content/uploads/2020/09/Tres-Decadas-de-Diagnostico-de-HIV-A-Experiencia-Brasileira.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2024.

FREITAS, A. História e imagem artística: por uma abordagem tríplice. **Estudos Históricos**, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 34, p. 3-21, 2004.

LAGNADO, L. **São tantas as verdades: so many are the truths**. São Paulo: Fiesp, 1998.

MEDEIROS, R. F.; ALÓS, A. P. Resistências e a(r)tivismos queer em tempos de pandemias: HIV/aids e poéticas visuais no Brasil. *In*: CHAVES, Larissa Patron; DOS SANTOS, Lauer Alves Nunes; HEIDEN, Roberto (orgs.). **Epidemia na Arte: viver e morrer na peste**. Pelotas: Editora UFPel, vol. 2, p. 19 - 42, 2021.

MEU amigo Claudia. Direção de Dácio Pinheiro. São Paulo: Piloto, 2012.

PASTOUREAU, M. **Red: The History of a Color**. New Jersey: Princeton University Press, 2017.

PERLONGHER, N. **O que é aids**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

REIS, P. Limiar da visualidade: artes visuais e a crise da aids. *In*: FREITAS, Arthur et al. **Imagem, narrativa e subversão**. São Paulo: Intermeios, 2016.

SANTOS, L.; MORAES, C.; COELHO, V. A hemoterapia no Brasil de 64 a 80. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 1, p. 161-182, 1991.

SANTOS, L.; MORAES, C.; COELHO, V. Os anos 80: politização do sangue. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 1, p. 107-149, 1992.

WONDER, C. **Olhares de Claudia Wonder: crônicas e outras histórias**. São Paulo: GLS, 2008.